

## ENSINO SUPERIOR

# O custo da permanência no curso de medicina

Histórias de alunos de baixa renda mostram que ingressar na graduação mais disputada é apenas o começo da jornada. Ser aprovado(a) é apenas ultrapassar o primeiro degrau de uma longa e difícil caminhada

» THAMIRES PINHEIRO\*

Para quem observa de fora, a aprovação em medicina costuma representar o fim de um ciclo. Porém, para muitos estudantes de baixa renda da Universidade de Brasília (UnB), a conquista da vaga é apenas o início de uma nova batalha. Entre jornadas em transporte público, dificuldades financeiras, falta de acessibilidade, necessidade de trabalhar e dúvidas sobre o próprio pertencimento dentro da universidade, esses alunos compartilham uma realidade que raramente aparece por trás dos jalecos brancos. Lá dentro, as escalas sociais são logo percebidas. Formam-se castas: os que têm acesso a tudo, bem-nascidos, e os que lutam todo dia até para chegar à universidade.

As trajetórias reunidas mostram que, embora o acesso ao curso tenha se tornado mais diverso, permanecer nele ainda exige esforço diário, quase heroico. Segundo o consultor jurídico da Associação dos Mantenedores Independentes Educadores do Ensino Superior (AMIES), Esmeraldo Malheiros, a ampliação das vagas, as políticas de cotas e os programas de financiamento ajudaram a democratizar o ingresso em medicina. Para ele, a presença de estudantes de diferentes origens sociais contribui para formar profissionais mais preparados para compreender as múltiplas realidades da população brasileira. Mas para quem vive essa experiência na prática, os desafios continuam presentes muito depois da aprovação. E muitos, até por todas as dificuldades, veem os seus sonhos quase triturados pelas desigualdades sociais que se impõem todos os dias.

Fotos: João Pedro de Lara Resende



Autor: Gunther von Hagens

## Destino improvável

A história de Diego Aguiar, 31 anos, começou muito antes da universidade. Natural de Icarai de Minas (MG), ele tinha 14 anos quando deixou a casa da família para estudar em um internato ao lado de dois amigos, que compartilhavam um sonho. Ingressou no curso técnico em agropecuária, que permitia alojamentos e permanência dos estudantes. Filho de uma trabalhadora de serviços gerais e de um operário de fábrica, Diego cresceu em uma família que valorizava a educação, mas não tinha condições financeiras para custear uma preparação para Medicina.

Após concluir o ensino médio, trabalhou para ajudar no sustento. Foram anos atuando em empresas de telemarketing enquanto tentava manter vivo seu objetivo. Trabalhar era necessário, mas reduzia o tempo de estudo. Após diferentes experiências profissionais, conseguiu ingressar em um cursinho de baixo custo. A dedicação trouxe aprovação em medicina tanto em Ouro Preto (MG) quanto na Universidade de Brasília (UnB).

A mudança para a capital federal trouxe novos receios. Diego não poderia, sequer, pensar em pedir ajuda financeira aos seus pais. Sem dinheiro para o aluguel, encontrou na CEU, a Casa do Estudante Universitário, a oportunidade de permanecer no sonho. Foi ali que construiu amizades, conheceu histórias semelhantes e ampliou sua visão. Posteriormente, conseguiu emprego, passou a morar sozinho e seguiu o curso. Hoje, aos 31 anos e no 12º período, está próximo de concluir uma trajetória que muitos consideravam improvável. “O garoto que saiu de casa aos 14 anos com um sonho, hoje está conquistando por meio da educação pública”.

O próximo desafio é a inserção no mercado de trabalho. Com o destino ainda incerto, Diego pensa em exercer a profissão em sua cidade natal e perto da família. “Quero retribuir tudo que eles fizeram por mim, mas ainda tenho contas pendentes, como por exemplo, um empréstimo que fiz para me manter”, disse.